Os Místicos no Ġarb al-Andalus e os modelos sociológicos das suas vivências (séculos X a XIII)

The Mystics in the Ġarb al-Andalus and the sociological models of their living (Xth to XIIIth centuries)

António Rei *
IEM / FCSH – Universidade Nova de Lisboa

Resumo

Pretendemos elencar os místicos conhecidos no Ġarb al-Andalus e integrá-los de acordo a modelos sociológicos, desde o século X até ao século XIII. Identificar semelhanças e diferenças nesses relacionamentos, que ocorreram ao longo de vários períodos, nomeadamente, o Califado, as Taifas, e os períodos Almorávida e Almóada. De marginalizados a perseguidos, e a tolerados e até mesmo protegidos, várias foram as formas como essas relações se desenvolveram, em função também, em alguns casos, da maior ou menor presença e influência dos juristas próximos ao poder político-militar. Não se trata aqui de constituir um rol exaustivo de todos os dados sobre cada um dos indivíduos, pois relativamente aqueles sobre os quais há mais informações de outra natureza, privilegiámos os que respeitam à sua vida mística.

Palavras-chave: misticismo; modelos sociológicos; Ġarb al-Andalus.

Abstract

We intend to list the mystics related to the Ġarb al-Andalus and join them in sociological models from the Tenth century to the Thirteenth century. Identify similarities and differences in these relationships, which occurred over several periods, Caliphate, Taifas, and Almoravid and Almohad periods. From marginalization to persecution, to being tolerated and even protected, several were the forms in which these relations took place, in consequence also, in some cases, of the greater or lesser presence and influence of the lawyers close to the political-military power.It is not a question here of being an exhaustive list of all the data on each individual, since for those on whom there is more information of another nature, we privilege those who respect their mystical life.

Keywords: mystic; sociological models; Ġarb al-Andalus.

● **Enviado em: 04/11/2017**
● **Aprovado em: 22/12/2017**

* Doutor em História da Cultura e das Mentalidades Medievais pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, (FCSH – UNL). Investigador Integrado do Instituto de Estudos Medievais, Universidade Nova de Lisboa. Investigador na Escuela de Estudios Arabes de Granada, CSIC (Granada), com Bolsa BPD - FCT / POCH, Lisboa.

I. Primórdios do misticismo em al-Andalus

Com uma origem histórica que, se admite, remontará a Muhammad b. ‘Abd allah b. Masarra (Córdova, 269 / 883 – 319 / 931), o primeiro asceta que se assumiu como tal em al-Andalus. Depois de estudos em Córdova, ausentou-se para o Oriente e viveu anos em Meca. Quando regressou à Península acabou por deixar Córdova e se estabelecer nas montanhas, o que lhe valeu ser apodado de *al-Jabali*, o montanhês. Esta opção de abandono dos meios urbanos pelos locais mais isolados irá marcar, irá modelar, a vivência mística durante mais de cerca de século e meio.

Sobre esta figura matricial da vida mística andalusi e sobre os seus seguidores e outros ascetas dos primórdios do sufismo andalusi já vários autores se debruçaram, deixando trabalhos de qualidade, referências quando estes temas são tratados[1].

II. Místicos do Ġarb al-Andalus conhecidos até este momento

1) Abū Isḥāq Ibrāhīm b. Harūn b. Khalaf b. ‘Abd al-Karīm b. Sa’īd al-Masmūdī Conhecido como Al-Zāhid al-Ušbūnī (287 h. / 899 d.C. – 361 h. / 970 d.C.)

O primeiro místico de que temos notícia, e ao qual é possível estabelecer uma relação com o espaço mais extremo-ocidental da Hispânia (*Al-Ġarb al-Andalus al-Aqsâ*), foi Abū Isḥāq Ibrāhīm b. Harūn b. Khalaf b. ‘Abd al-Karīm b. Sa’īd al-Masmūdī que ficou conhecido como Al-Zāhid al-Ušbūnī (o asceta lisboeta).

Com origem berbere (Masmūda), nasceu em Lisboa, onde começou a sua formação. Mais tarde foi para Córdova para continuar a estudar, tendo sido discípulo, entre outros, do famoso erudito Qāsim b. Aṣbaġ e de Muḥmmad b. ‘Abd Malik b. Aymān, um especialista nas Tradições do Profeta (*sunna*). Acabou por se radicar na capital de al-Andalus durante cerca de quarenta anos.

Sendo um estudioso e erudito, evoluiu, no entanto, em direção ao ascetismo. Era pessoa de carácter íntegro, em quem se podia confiar, e essa veracidade e fiabilidade passou

[1] Algumas referências básicas sobre Ibn Masarra: ASÍN PALACIOS, Miguel. *Abenmasarra y su escuela. Orígenes de la filosofía hispano-musulmana*. Madrid, 1914; FIERRO, Maribel. *La Heterodoxia en al-Andalus durante el período omeya*. Madrid, Instituto Hispano-Arabe de Cultura, 1987, em especial as pp. 113-118 e 132-140; MARÍN, Manuela. “Zuhhad de al-Andalus (300/912 – 420 / 1029)”, *Al-Qantara*, Madrid, CSIC, 1991, vol. XII, pp. 439-469.

para tudo aquilo que deixou escrito. Dele ficou memória prestigiosa. Faleceu no ano de 360 (970-1 d.C.)[2].

2) Abū Muḥammad ‘Abd Allah b. Sa’īd b. Lubbāj al-Ummawī Al- Šantajyalī (c. 371 h. / 980 d.C. – 436 h / 1044 d.C.)

Abū Muḥammad ‘Abd Allah b. Sa’īd b. Lubbāj al-Ummawī Al- Šantajyalī foi um místico de origem omíada, que em jovem viveu em Córdova, cidade onde começou os seus estudos.

Por volta dos seus 20 anos, no ano de 391 h / 1000 d.C., viajou para o Oriente, tendo-se radicado longamente em Meca. Ali estudou e aprendeu com muitos mestres e estudiosos. No retorno a al-Andalus ainda esteve uma temporada no Egito e também aí aproveitou a estadia para estudar com mais dois eruditos.

Ao ter regressado a al-Andalus, em 430 h. / 1038 d. C., encontrou uma situação politico-militar completamente diferente da que deixara viajou. Saiu com um Califado poderoso e regressou encontrando a do um Califado que se desintegrara, dando origem ao surgimento dos reinos de Taifas.

Permaneceu em Córdova de 430 h. / 1038 d. C. a 433 h. / 1041 d. C., e neste último ano deixou aquela cidade e dirigiu-se para a zona ocidental de al-Andalus.

No Ġarb repartiu o seu tempo e as suas estâncias por, pelo menos quatro ribats: um na zona de Badajoz (que muito provavelmente seria o de Juromenha); no de *Murjīq* ou *Marajīq* (o atual Castro da Cola, próximo a Ourique); num outro, “em Silves” (sem mais informação que o permita identificar e localizar); e no de “Arrifana, do termo de Silves”, que será o de Aljezur. Aquele périplo, durante o qual viajou e ensinou, decorreu entre 433 h. / 1041 d. C. e 436 h. / 1044 d. C. Tendo ido a Córdova naquele último ano, ali acabou por falecer ainda durante esse mesmo ano de 436 h. / 1044 d. C.

Al-Šantajyalī foi um homem excelente, sapiente, clemente, asceta e despojado, e que optou por uma vida isolada, no caminho de Deus[3].

---

2 Sobre Al-Zāhid al-Ušbūnī, v. YĀQŪT. *Mu’jam al-buldān*. Beirute, Dar Sader, 7 vols., 1995, vol.1, p. 195; trad. esp. ‘ABD AL-KARIM, Gamal. “La España musulmana en la obra de Yaqut (s. XII – XIII)” In *Cuadernos de Historia del Islam*. Universidad de Granada, 1974, nº 6, p. 70; IBN FARAḌĪ. *Tarikh ‘Ulamâ’ al-Andalus*. (trad. portug. VELHO, Martim: *Varões Árabes Ilustres do Andaluz Ocidental*, Évora, 1965, nº 39; trad. franc. VANDENDRIESSCHE, E. e PLANCKE, M. “Al-Andalus dans le Mu’ğam al-Buldān”, in *STVDIA* nº 39 (1974), Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, pp. 237-304, p. 250).

3 Sobre Al-Šantajali, v. IBN BASKUWAL. *Kitab al-Sila*. ed. I. al-‘Attar, Cairo, 1374 / 1955, nº 597; trad. portug. VELHO, Martim: *Varões Árabes Ilustres do Andaluz Ocidental*, Évora, 1965, nº 593 (lapso, em face do nº da edição).

3) Ibrāhīm ibn ‘Abd al-Malik (993 h. / 1002 d.C - 461 h. / 1068 d.C.)

Deste místico apenas se conhece o epitáfio, que se encontra no espaço do Ribāt da Arrifana, e no qual consta a data do seu falecimento e a idade que tinha quando faleceu, o que permite estimar o ano do seu nascimento.

Falecido mais de um quarto de século depois da estadia de Al- Šantajyalī no ribat da Arrifana, este Ibrāhīm ibn ‘Abd al-Malik poderá ter sido um continuador direto daquele; ou, no mínimo, alguém que, com objetivos idênticos, lá se estabeleceu, mesmo que sem uma relação direta com Al- Šantajyalī[4], mas também na procura de uma vivência mística. Como, mais tarde, já no século seguinte, Ibn al-Munḏir fez, estando durante um período em retiro no ribāt da Arrifana.

4) Al-Šarīf Abū l-Hassan 'Alī b. Isma'īl al-Qurašī conhecido como Ṭayṭal Al-Šaqabānī (séc. XI - XII?)

Abū l-Hassan 'Alī b. Isma'īl al-Qurašī, conhecido como Ṭayṭal Al-Šaqabânî, aparece designado como “Al-Šarīf” por Ibn Sa’īd, pelo que se trataria de um descendente do Profeta, por seu neto Al-Hassan. Seria possivelmente um Idrissida.

Originário da região de Lisboa, a *nisba* que o identifica associa-o ao local onde se radicou, Sacavém (Šaqaban), e que ele terá designado como “um pedaço do Paraíso”.

Estudou em Córdova com vários mestres e eruditos, cujos nomes se desconhecem. Destacou-se muito pelo que aprendeu e que memorizou, sobretudo no campo das letras (o chamado *adab*) e da poesia. No relativo à poesia, ficou mesmo memória de que ele terá decorado a poesia completa de vinte poetisas árabes do período pré-islâmico. Os seus biógrafos destacaram ainda a sua eloquência, e a sua excelência como poeta; e dentro dos saberes tradicionais islâmicos destacaram os seus conhecimentos no relativo à Tradição do Profeta (*sunna*) e na área do Direito Islâmico (*fiqh*).

Em determinado momento da vida começou a sentir inclinações pelo ascetismo (*zuhd*), o que explica a designação de *Al-Zāhid* (o asceta) pela qual também ficou conhecido.

Compôs poemas (dos quais subsistem alguns versos) y aforismos (*hikām*) de conteúdo ascético que tiveram grande difusão entre as gentes.

---

[4] Sobre Ibrahim b. ‘Abd al-Malik, v. BARCELÓ, Carmen, GOMES, Rosa Varela, e GOMES, Mário Varela. “Estela Funerária Epigrafada, do Ribat da Arrifana (Aljezur)”, In *Cristãos e Muçulmanos na Idade Média Peninsular. Encontros e Desencontros*. Instituto de Arqueologia e Paleociências das Universidades Nova de Lisboa e do Algarve, 2011, pp.147-156.

Foi em consequência daquela "conversão" ao ascetismo e ao misticismo que, num terreno seu onde também tinha uma horta, e que ficava junto à albufeira (*buḥayra*) de Sacavém, acabou por edificar uma azóia ou arrábida. Lá se estabeleceu e ali se dedicou a práticas de devoção até ao finla da sua existência. A fama do místico e do lugar permaneceram na memória das gentes, que conheciam o lugar como a "arrábida de Ṭayṭal" (*rabiṭat Ṭayṭal*). A sua vida deve ser situada entre os séculos V h. / XI d.C. e VI h. / XII d.C.

A memória daquela arrábida ou azóia terá permanecido até hoje na região, concretamente no topónimo Azóia, próximo de St.ª Iria da Azóia[5].

5) Abū l-Qāsim Aḥmad b. Muḥammad b. al-Milḥ (meados do séc. XI – 501 h. / 1107 d.C.)

Abū l-Qāsim Aḥmad b. Muḥammad b. al-Milḥ foi um poeta e místico de origem silvense.

O seu pai, Abū Bakr b. al-Milḥ, foi um alto funcionário na corte abbádida de Sevilha no reinado de *al-Mu'tadid*, e que tudo terá feito para que o seu filho também fosse para Sevilha, seguir-lhe as pisadas na vida cortesã. Mais tarde, Ibn al-Milḥ terá sido também instado por Ibn 'Ammār, o famoso poeta e wazīr de *al-Mu'tamid*, para que fosse para Sevilha.

No entanto, não respondeu positivamente nem às aspirações do seu progenitor, nem às de outros altos dignatários da corte abádida, que com ele insistiram, como foi Ibn 'Ammar, pois Ibn al-Milḥ não apenas não abandonou a sua Silves natal, como acabou mesmo por casar com uma jovem de origem humilde, de família sem qualquer reputação.

Desde jovem se interessou pelo ascetismo e pelas atividades piedosas, tendo chegado mesmo a ser o Imām Khatīb[6] de Silves. Optou, portanto, por uma vida discreta e tranquila na sua cidade natal, a uma vida palaciana, mais mundana e agitada. Faleceu em Silves na primavera de 501 / 1107[7].

---

5 Sobre Ṭayṭal Al-Šaqabānī, v. IBN SA'ID. *El Libro de las Banderas de los Campeones (Kitāb Rayāt al-Mubarrizīn)*. ed. e trad. esp. E. García Gómez, Madrid, Instituto de Valencia de Don Juan, 1942 (erróneamente identificado como Ṭulayṭulī por Ṭayṭal): ed. p. 33; trad. p. 167; YAQUT. *Mu'jam al-buldan*. Beirute, Dar Sader, 7 vols., 1995, vol. III, p. 354; trad. espanh. RODRIGUEZ LOZANO, José, "Nuevos Topónimos relativos a al-Andalus en el Mu'jam al-buldan de Yaqut" In *Cuadernos de Historia del Islam*. Universidad de Granada, 1977, nº 8, pp. 57-84, p.73. V. também AL-ḌABBĪ, *Buġya*, nº 1212; AL-HUMAYDI. *Jaḏwa*. nº 294; AL-MARRĀKUŠĪ, *Ḏayl*, V/1, nº 390; REI, António, *O Gharb al-Andalus al-Aqsâ na Geografia Árabe (Sécs. III h. / IX d.C. – XI h. / XVII d.C.)*, Lisboa, IEM / FCSH – UNL, 2012, p. 185.

6 O *Imām Khatīb* é o Imam (Guia) titular numa das principais mesquitas de uma cidade, e que preside à oração de 6ª feira (*Jumu'a*) e às principais orações do calendário islâmico.

7 Sobre Ibn al-Milḥ, v. IBN SA'ID. *El Libro de las Banderas de los Campeones (Kitāb Rayāt al-Mubarrizīn)*. ed. e trad. esp. E. García Gómez, Madrid, Instituto de Valencia de Don Juan, 1942: ed. p. 27; trad. pp. 158-159; ALVES, Adalberto. *O meu coração é árabe*. (2ª ed.) Lisboa, Assírio e Alvim, 1991, pp. 91-92; COELHO, António Borges. *Portugal na Espanha Árabe*. (2ª ed.) 2 vols., Lisboa, Ed. Caminho, 1989, vol.1: Geografia e Cultura, pp. 249-250.

6) Bakkār ibn Dā'ūd al-Marwānī (440 h. / 1048 d.C. – c. 506 h. / 1112 d.C.)

Bakkār ibn Dā'ūd al-Marwānī nasceu em Sintra em 440 h. / 1048 d. C., e se atendermos de imediato ao seu nome, mais concretamente à sua *nisba*, al-Marwānī, constatamos tratar-se de um nobre de ascendência omíada, descendente de Marwān, o primeiro califa do segundo ramo dos Omíadas de Damasco. Pertencia, assim, a um ramo omíada colateral à dinastia que governou em Córdova, de 756 a 1031.

Na sua formação passou alguns anos em Córdova. Foi depois para Saragoça, onde fez carreira como jurista, e ficou famoso como erudito. Mais tarde regressou à sua região natal, e tendo adotado uma vida de asceta e místico, fixou-se na zona de Sintra, mais exatamente entre a Serra de Sintra e o mar. A descoberta recente do ribāt de S. Miguel de Odrinhas, junto ao mar pode indicar-nos um possível local onde este homem e família estiveram radicados. É possível que esta fase de retiro coincida com a dominação cristã na região, entre 1094 e 1111.

Bakkār ibn Dā'ūd al-Marwānī viveu isolado com a família, subsistindo da pesca, da recoleção do que a natureza dava, e do que era tecido pelas mulheres da família.

A sua forma de viver o misticismo já não apresentava um papel tão passivo socialmente como os dos anteriores, pois além de meditar e de orar, também peregrinava e também pregava.

Foi letrado e poeta e dele subsistiram alguns pedaços de poesia, de cariz espiritual.

Após a reconquista islâmica da região de Lisboa e Vale do Tejo, em 1111, Bakkār ibn Dā'ūd al-Marwānī terá integrado as forças militares e com elas partiu em direção ao norte cristão. Não mais regressou, tendo morrido mártir (*šaḥīd*) em 1112[8].

7) Abū l-Qāsim Aḥmad b. al-Husayn Ibn Qasī (c. 495 h. / 1100 d.C. – 546 h. / 1151 d.C.)

Natural de Silves ou da sua região, tinha origem hispano – romana, daí ser designado por *rūmī* (= romano) por alguns biógrafos árabes, em especial por Ibn al-Abbār. Entendemos que o termo *rūmī* não significa "cristão", mas sim "romano", e que a sua origem estava entre os

8 Sobre Bakkār ibn Dā'ūd al-Marwānī, v. IBN SA'ĪD. *Al-Muġrib fi hulla al-Maġrib*. ed. Šawqy Dayf, 1ª ed., 2 vols., Cairo, Dar al-Ma'arif bi Misr, 1953-1955, vol. I, pp. 415-416; AL-MAQQARĪ. *Nafh al-Tib*. ed. Ihsān 'Abbas, VIII vols., Beirute, Dar Sader, 1988, vol. II, p. 225; ALVES, Adalberto. *O meu coração é árabe* (2ª ed.) Lisboa, Assírio e Alvim, 1991, pp. 83-84.

Banū Qasī (a linhagem de Cassio), poderosos senhores muladis da zona de Saragoça entre a 2ª metade do séc. VII e o início do séc. X.

Há sinais que apontam para a radicação de um ramo daquela linhagem no atual Algarve após a vitória de ʻAbd al-Raḥmān III sobre os Banū Qasī, e a posterior pacificação de todo o al-Andalus.

Oriundo de família com bens, terá tido uma juventude desafogada e libertina. Terá tido mesmo um cargo público, que abandonou após a morte de seus pais.

Aquele facto mudou-o completamente, tendo enveredado pela vivência mística, e tendo doado uma significativa parte dos seus bens materiais.

Empreendeu depois peregrinações por várias regiões de al-Andalus, muito possivelmente para visitar e frequentar a companhia de outros místicos. Ibn Qasī teve como mestres espirituais, segundo informação de Ibn al-ʻArabī, dois místicos, Ibn Khalīl de Niebla e Khalafu'llāh al-Andalusī, e não Ibn al-ʻArīf, como até há bem pouco se aceitava, segundo a tese de Miguel Asín Palacios. Foi também um estudioso da obra proibida de al-Ġazālī, que estava proscrita desde o início do século XII; e exortava as gentes à sublevação contra o injusto regime almorávida.

O facto da situação social sob os Almorávidas ser sentida de uma forma muito dura e repressiva pelo geral da sociedade islâmica de al-Andalus, terá levado nesse sentido de busca de alteração da ordem então estabelecida. O assumir de um certo protagonismo político por parte de um mestre sufi não era algo absolutamente novo, pois Ibn Barrajān de Sevilha, que fora reconhecido como Imām em cerca de 130 povoações, e se apresentara desta forma como um potencial perigo para o sistema almorávida, ficou a dever a vida a essa condição assumida, pois foi preso, levado para Marraquexe, e aí veio a morrer na prisão, em 1141.

Ibn Qasī foi, no entanto, um caso *sui generis* entre os místicos de al-Andalus. Tendo sido um chefe ou guia espiritual (Imām), acabou mais tarde, por assumir um protagonismo como chefe político (*Mahdī*). O papel do *Mahdī* não é o de um chefe político *tout court*, como um qualquer monarca. Ele é um homem "guiado por Deus", para fazer com que a lei islâmica e a justiça social se restabeleçam na sociedade, após um período de injustiça e de ignorância[9].

O papel de guia místico de Ibn Qasī, algo difícil de separar do de líder político, ainda assim apresenta características próprias e em alguns casos únicas no panorama do misticismo do Ocidente peninsular, que veremos em seguida. Foi o único mestre espiritual, oriundo do

9 KENNEDY, H., "al-Mahdī", *Encyclopaedia of Islam* (*E.I.*$_2$), Leiden / Paris, E.J.Brill / Maisoneuve et Larose, vol. V, 1986, p. 1230-1239.

espaço hoje português, que deixou uma obra escrita que sobreviveu, completa, até aos nossos dias. Trata-se do Tratado *Khal' al-Na'layn* (Tira ambas as sandálias), que se encontra em Istambul, associado a um comentário realizado por Ibn al-'Arabī. Esta mesma obra chegou às mãos de Ibn al-'Arabī através de uma dádiva feita pelo próprio filho de Ibn Qasī, al-Husayn, na Tunísia.

Outro aspeto é o facto de ter fundado uma azóia (*al-zawiya*), local de retiro e de ensino, e onde terá redigido o seu tratado. O local exato de onde aquela azóia ou ribat foi erigida, a povoação de *Julla* ou *Jilla*, ainda não foi identificado pela arqueologia.

Criou também uma confraria (*tarīqa*), e de ter conduzido os seus discípulos (*muridūn*) preparando-os para a ação política e social, concomitantemente com a preparação espiritual, ao longo de, pelo menos, década e meia, entre 1130-31 e 1144 (a primeira data de acordo às primeiras correspondências mantidas entre Ibn al 'Arīf de Almeria e Ibn Qasī e Ibn al-Munḏir, estes últimos enquanto mentores do movimento de revolta que então estaria ainda na sua fase inicial; e a última quando Ibn Qasī se faz proclamar *mahdī* em Mértola, após a conquista daquela fortaleza.

No entanto, o seu papel enquanto líder espiritual entrou no ocaso, quando emergiu o de líder político, e é o primeiro que agora especialmente nos ocupa. Ainda assim os ecos da sua propaganda chegaram longe, em al-Andalus, a Sevilha, a Córdova, e mesmo ao outro lado da península, pois foram encontradas em Murcia, moedas dessa época onde consta "O Mahdī [Ibn Qasī] é o nosso Imām".

Os meandros da política do Ġarb e do Maġrib levaram a que o espaço de manobra de Ibn Qasī se fosse estreitando, e por fim, em consequência de uma busca de aliança com Afonso Henriques, Senhor de Coimbra e primeiro "rei dos portugueses", foi assassinado através de linchamento, o qual fora instigado por antigos fiéis partidários seus.

De qualquer forma, em relação à sua obra, que não foi ainda traduzida completamente e estudada sistematicamente, espera-se que projete mais luz sobre a vida Ibn Qasī, como homem e líder, e sobre os seus conceitos místicos e ideológicos[10].

8) Abū Bakr Muḥammad b. Yahyā al-Šaltisī conhecido por Ibn al-Qabila (século VI / XII)

Abū Bakr Muḥammad b. Yahyā al-Šaltisī, que ficou mais conhecido por Ibn al-Qabila era natural da Ilha de Saltes. Ibn Sa'īd identificou-o como jurista (*faqīh*) e como secretário (*kātib*), sendo-lhe também atribuídas qualidades de notável general, orador afamado e escritor de renome.

Foi um próximo de Ibn Qasī, o mais próximo dos seus companheiros, que lhe concedeu os títulos de "Espada da Revolta" (*Sayf al-Ṯawra*) e "Sustentáculo do Império e da Vitória" (*'Imad al-Dawla wa l-Fatḥ*).

Aquela proximidade ao Mahdī do Ġarb valeu-lhe o ficar conhecido entre os demais seguidores e na população em geral, como "O Eleito" (*al-Muṣṭafà*).

---

10 Sobre Ibn Qasī, v. três teses Ph.D.: GOODRICH, David Raymond. *A Sufi Revolt in Portugal.* Universidade de Colúmbia, 1978; ELLIOTT, William. *The career of Ibn Qasi as a Religious teacher and Political Revolutionary in 12th Century Islamic Spain.* Universidade de Edimburgo, 1979; DREHER, Josef. *Das Imamat des Islamischen Mystikers Abúlqasim Ahmad Ibn al-Husain Ibn Qasi.* Universidade de Bona, 1985. Ver ainda, sem esgotar a bibliografia sobre esta figura: IBN AL-ABBĀR. *Hullat al-Siyarâ*. trad.parc. LOPES, David. "Os Árabes nas Obras de Alexandre Herculano", In *Boletim de 2ª classe da Academia da Sciencias de Lisboa*, vol. III (1909-10), pp. 331-340; IBN AL-KHAṬĪB. *A'mal al-a'lâm*. Ed. e trad. parc. LOPES, David. *Idem*, pp. (ed.) 361-368; (trad.) 341-347; SANTOS, Mariana Amélia Machado. "Subsídios para a História da Filosofia no Algarve" In *Actas do Congresso do Mundo Português*, VI vols., Lisboa, s. ed., 1940, vol. II, pp.605-620; DOMINGUES, J.D. Garcia. *História Luso-Árabe*. Lisboa, Pro-Domo, 1945. O 'Prefácio', da responsabilidade de Joaquim Abreu Figanier, ocupa as pp. 9-22; 'AFĪFĪ, Abû l-'Alâ Ahmad E. "Abû l-Qâsim Ibn Qasî wa kitâbuhu Khal' al-Na'layn [IQ e o seu livro...]", In *Majallat Kulliyyat al-Adab / Jamia'at al-Iskandariyya (Rev. da Fac.Letras da Univ.de Alexandria)*, 11 (1957), pp. 53-87; VELHO, Martim, "A vida de Ibn Cássi narrada por Ibn al-Abar e a sua aliança com D.Afonso Henriques", *Trabalhos apresentados no Simpósio Internacional da Reconquista Cristã da Península Ibérica*, Septª. *Boletim da Junta Distrital de Évora*, 7 (1966), p.3-9; FAURE, A. "Ibn Kasî", *Encyclopédie de l'Islam* 2ª.ed, t. III, pp.839-840; COELHO, António Borges. *Portugal na Espanha Árabe*, 2ª ed., 2 vols., Lisboa, Caminho, 1989, pp. 291-304; LAGARDÈRE, Vincent. "La Tarîqa et la Révolte des Muridûn en 539 H / 1144 en Andalus" In *Revue des mondes musulmans et de la Méditerranée*. Presses Universitaires de Provence, 1983, vol. 35, nº1, pp.157-170; DREHER, Josef. "L'Imâmat d'Ibn Qasî à Mértola (automne 1144- été 1145). Legitimité d'une domination soufie ?" In *Mélanges de l'Institut Dominicain d'Études Orientales*. Cairo, 1988, nº18, pp.195-210; GOMES, Josué Pinharanda. *História da Filosofia Portuguesa. A Filosofia Arábigo-Portuguesa*. Lisboa, Guimarães Ed., 1991, v. em especial o cap.VI «O Sufismo Muridínico. Os Mestres Sufis Algarvios», pp. 154-164; BORGES, Artur Goulart de Melo. "Ibn Qasi, Rei de Mértola e Mahdi Luso-Muçulmano", In *Arqueologia Medieval*. Mértola / Porto, CAM/Afrontamento, 1992, nº 1, pp. 209-215; SIDARUS, Adel. "Novos dados sobre Ibn Qasi de Silves e as Taifas Almorávidas no Gharb al-Andalus" In *Actas I Jornadas de Silves*. Silves, AEDPHC, 1992, pp. 35-40; SIDARUS, Adel. "Novas perspectivas sobre o Gharb al-Andalus no tempo de Afonso Henriques" In *Actas do 2º Congresso Histórico de Guimarães - D.Afonso Henriques e a sua época*. Guimarães, Câmara Municipal /Univ.do Minho, 1997, vol.2, pp. 247-268; NWYIA, Paul. "Rasâ'il Ibn al-'Arîf ilâ ashab Thawrat al-Muridîn fî l-Andalus (As cartas de I.'A. aos chefes da Revolta dos Muridîn em al-Andalus)" In *Al-Abḥaṯ*. Beirute, s.ed., 1978-79, nº 27, pp. 43-56.

A Ibn al-Qabila ficou o movimento a dever, em 1144, a conquista de Mértola, importante baluarte almorávida no Ġarb. Após aquela conquista, foi em Mértola que Ibn Qasī foi, pelos principais elementos dos Muridun e chefes regionais do Ġarb, reconhecido como Imām e se assumiu como Mahdī.

No ano seguinte Ibn al-Qabila e Ibn al-Munḏir foram empossados do comando de um exército que deveria ir conquistar Córdova. Contextos político-militares outros obstaram a que aquela conquista tivesse acontecido, e Ibn Qasī mandou matar Ibn al-Qabila em 1145, responsabilizando-o daquele fracasso bélico.

A política terá contribuído para que aquele devotado elemento do movimento dos Muridūn tenha desaparecido de forma abrupta, precoce e vítima da cólera e ambição do seu mentor e mestre[11].

9) Abū l-Walīd Muḥammad b. ʻUmar b. al-Munḏir (c. 490 h. / 1096 - 548 h. / 1153 d.C.)

Abū l-Walīd Muḥammad b. ʻUmar b. al-Munḏir tinha muito antiga origem muladi. Era homem de excelente carater. Estudou, desde muito moço, em Sevilha, até ter atingido sabedoria em letras e direito. Presidiu à Assembleia Jurídica da sua cidade.

Num dado momento da sua vida abandonou todos os cargos oficiais que detinha, deu os seus haveres e retirou-se para a arrábida ou azóia da Arrifana.

Companheiro de Ibn Qasī, pelo menos desde o início da década de 30 desse século, foi ele o braço jurídico do Movimento dos Muridūn. A sua proeminência no Movimento é atestada pela correspondência que Ibn al-ʻArīf também lhe dirigiu.

Reconhecendo Ibn Qasī como seu guia espiritual (*muršīd*) veio a iniciar depois uma ação de chamamento à rebelião, peregrinando por toda a sua região, no que foi acompanhado por um outro homem marcante em todo este período, Ibn Wazīr, o futuro chefe revoltoso de Évora.

Ibn al-Munḏir esteve sempre do lado de Ibn Qâsî, tanto como governador de Silves, como quando foi chefe militar em várias campanhas. Em consequência, dele recebeu o título de "Poderoso por Deus" (*ʻAziz bi'llah*). Depois Ibn Qasī esqueceu-o, e Ibn al-Munḏir passou um período em prisão e na miséria, em Beja, onde Ibn Wazīr, o grande senhor do Ġarb entre 1146 e 1151, o prendera e lhe vazara os olhos.

11 DOMINGUES, J.D. Garcia Domingues. *História Luso-Árabe*. Lisboa, Pro-Domo, 1945, em especial pp.187-194.

Ibn al-Munḏir não perdoou, no entanto, as atitudes dos outros, para com ele. E se não pôde vingar-se de Ibn Wazīr, pelo que lhe fizera, acabou tornando-se a alma da revolta do povo de Silves contra Ibn Qasī, quando este buscou a aliança de Afonso Henriques, e cuja revolta terminou com a morte do mesmo Ibn Qasī, por linchamento popular.

Ibn al-Munḏir, em quem os Almóadas não confiavam, levaram-no para o Norte de África, e lá terminou os seus dias em Salé, na costa do atual Marrocos, em 1162[12].

10) Abū Muḥammad Sydray b. ʻAbd al-Wahhāb b. Wazīr al-Qaysī (séc.XII)

Abū Muḥammad Sydray b. ʻAbd al-Wahhāb b. Wazīr al-Qaysī, era natural de Silves e esteve ligado ao Movimento dos Muridūn na sua fase inicia Foi um dos primeiros incitadores à revolta, deambulando a todo o longo do Ocidente peninsular. Mais tarde Ibn al-Munḏir acompanhou-o nessa tarefa de predicação. Quando começou a ação armada, ele foi dos que estiveram com Ibn Qasī, e foi reconhecê-lo como seu Imām a Mértola, junto com Ibn al-Munḏir.

No entanto, uns tempos depois, por causa de uma discussão que teve com Ibn Qasī, e ao fim da qual este último o mandou prender, afastou-se de Ibn Qasī, e tornou-se mesmo seu inimigo.

E até à chegada dos Almóadas conseguiu ser o mais poderoso senhor do Ġarb al-Andalus entre os anos de 1146 e 1151, (chegou a dominar Évora, Beja, Badajoz e Mértola).

Muito mais que místico, Ibn Wazīr foi essencialmente um político, que viu no movimento que Ibn Qasī iniciara uma forma de tomar o poder e de exercer esse mesmo poder.

De todo o movimento foi o único que soube adaptar-se às várias situações, e que conseguiu, para si e para a sua descendência, a sobrevivência política, e até prosperou com o novo regime almóada tendo-se tornado um importante conselheiro militar do próprio califa, no relativo ao espaço do Ocidente peninsular[13].

---

12 IBN AL-ABBĀR. *Ḥullat al-Sayarā*. ed. Husayn Mu'nis, Cairo, s.ed., 1963-1964, pp. 202-211; DOMINGUES, J. Garcia Domingues, *História Luso-Árabe*, 2ªed., Silves, CELAS, 2010 (ed.fac-sim. da 1ª ed., 1945), *passim*. Na p. 211 Garcia Domingues diz, sem remeter para qualquer fonte, que Ibn al-Munḏir teria falecido em 1162. Como o texto árabe é lacunar nas dezenas da data, dizendo apenas "oito … e cinco centos", sendo impossível ser 508 (1114 d.C.), corrigimos para "oito e cinquenta e cinco centos", 558, que corresponde a 1162.

13 IBN ṢĀḤIB AL-ṢALÀ. *Al-Mann bi-l Imāma*. ed. ʻAbd al-Hadī al-Tazī, Beirute, Dar al-Andalus, 1964; trad. esp. HUICI MIRANDA, A. Valência, 1969; IBN AL-ABBĀR. *Ḥullat al-Sayarā*. ed. Husayn Mu'nis, Cairo, s.ed., 1963-1964, p. 271; DOMINGUES, J. Garcia. *História Luso-Árabe*. 2ªed., CELAS, Silves, 2010 (ed.fac-sim. da 1ª ed., 1945), *passim*. A origem silvense dos Banû Wazīr vem referida por IBN SAʻĪD, *Al-Muġrib fi hulla al-Maġrib*, ed. Šawqy Dayf, 1ª ed., 2 vols., Cairo, Dar al-Ma'arif bi Misr, 1953-1955, vol. I, p. 382.

11) Abū Muḥammad ʻAbd al-Ḥaqq b. ʻAbd al-Rahmān b. ʻAbd Allah al-Azdī al-Išbilī conhecido como Ibn al-Kharrāt (510 h. / 1116 d.C. – 581 h. / 1187 d.C.)

Natural de Sevilha ou arredores, em data imprecisa foi para Niebla para se juntar à rebelião comandada por Ibn Qasī e que se iniciara no Ġarb. Também se desconhecem o momento e as razões que o levaram a abandonar al-Andalus e a fixar-se no Norte de África.

Quando chegou a Bugia, em 1152, a cidade tinha acabado de ser conquistada pelos Almóadas. Ibn al-Kharrāt foi nomeado por aqueles Qādī da cidade e Imām Khatīb da mesquita principal, cargos que recusou. No entanto, mais tarde, quando ʻAlī b. Ġanya em 1184 ocupou Bugia, Ibn al-Kharrāt aceitou aqueles mesmos cargos. Esta diferença de atitudes acabou por lhe custar a vida em 1187, quando os almóadas recuperaram a cidade.

Alcançou fama pelos seus vastos conhecimentos e pelo seu modo de vida sóbrio e austero. Foi um distinto jurista (*faqīh*), tradicionista (*muḥadith*), memorizador de todo o Alcorão (*ḥāfiz*), Imām principal (*khatīb*) e notário (*ʻadil*). Também produziu poesia de temática ascética[14].

12) Abū l-Hassan ʻAlī b. Khalaf b. Ġālib al-Quraychī (c. 486 / 1092 d.C. – 568 h. / 1172 d.C.)

Abū l-Hassan ʻAlī b. Khalaf b. Ġālib al-Quraychī foi um silvense, com origem árabe quraychita, e viu a luz nos finais do período das Taifas, quando Silves ainda fazia parte dos domínios do rei-poeta al-Mu'tamid b. ʻAbbād, um outro apaixonado da Cidade do Arade.

Deixou a sua cidade natal para ir fazer os seus estudos em Córdova. Iniciou-se, mais tarde, na via do sufismo, e teve como seu mestre o famoso Abū l-ʻAbbās b. al-ʻArīf de Almeria. Sendo discípulo de Ibn al-ʻArīf e tendo este sido preso, deportado e morto pelos Almorávidas, em Marraquexe, cremos que Abū l-Hassan se terá ocultado algures, durante a problemática década de 40, que em al-Andalus decorreu entre a resistência mais ou menos desesperada dos Almorávidas e o eclodir das revoltas, iniciadas pela Revolta dos Muridūn chefiada por Ibn Qasī.

A sua ida e radicação em Qasr Kutāma terá ocorrido já com o domínio almóada consolidado em ambas as margens do Estreito. Mestre sufi, teve vários discípulos, sendo os mais conhecidos ʻAbd al –Jalīl b. Mūsā al-Qasrī e Abū l-Sabr Ayyūb b. ʻAbd Allah al-Fihrī.

---

14 AL-RUŠĀṬĪ, Abū Muḥammad e IBN AL-JARRĀṬ al-Išbilī, *Al-Andalus en el «Kitāb Iqtibas al-Anwar» y en el «Ijtisār Iqtibas al-Anwar»*, ed. E. Molina López y J. Bosch Vilà, Madrid, CSIC, 1990, especialmente pp. 19-20.

Faleceu em Qasr Kutāma, no ano de 568 h. / 1172 d. C.[15]

13) Abū ‘Abd Allah Muḥammad b. Salīm al-Šilbī (séc. VI / XII)

Abū ‘Abd Allah Muḥammad b. Salīm al-Šilbī era, também ele, natural de Silves, e atendendo à estrutura onomástica do seu nome faz-nos supor tratar-se de indivíduo de origem muladi. E sobre a sua vida apenas um evento nos permite situá-la: a morte de Ibn Qasī. As escassas informações que há sobre ele, dizem-nos que quando o linchamento de Ibn Qasi ocorreu, Abū ‘Abd Allah Muḥammad al-Šilbī teve que fugir para o outro lado do estreito para salvar a vida. Tudo parece indiciar que ele terá sido um discípulo, um partidário fiel do Mahdī do Ġarb até ao fim.

Já no norte de África, estabeleceu-se num primeiro momento em Salé, embora no fim da vida tenha ido para Fez, onde acabou por falecer.

Dele consta uma memória de humildade, serviço, ascese e sabedoria[16].

14) Abū l-Hassan Naja b. ‘Abd Allah al-Ummawī (c. ? - 599 h. / 1202 d.C.)

Abū l-Hassan Naja b. ‘Abd Allah al-Ummawī era natural de Niebla (Labla), e a *nisba* que acompanha o seu nome informa-nos de que era de origem omíada. Curiosa e talvez coincidentemente, foi discípulo de um mestre que também foi mestre de Ibn Qasī, Ibn Khalīl de Niebla. Ficamos assim sabendo que se iniciou na mística islâmica na sua própria terra, com um mestre seu conterrâneo e de que Niebla seria então também um local com uma significativa presença de místicos.

Atendendo ao seu percurso vital não será difícil admitir que foi um contemporâneo de Ibn Qasī, e que, certamente, não lhe terá sido estranha toda a movimentação que se originou na rebelião chefiada pelo mestre silvense, e que tantos seguidores teve na região de Niebla.

Também ele acabou indo para o Norte de África, e terminou a sua vida em Salé, no ano de 599 h. / 1202 d.C.

Era homem piedoso e desapegado do mundo. Dele ficou a frase, que repetia a quem dele se aproximava: “*Se queres ser algo, não sejas nada*!” [17]

---

15 AL-TADILĪ, Ibn Zayyat. *Al-Tachawwuf ila rijal al-Tasawwuf*. Tex. árabe, fixado, anotado e apresentado por Ahmed Toufiq; trad. franc.do árabe por FENOYL, Maurice, Casablanca, EDDIF / UNESCO, 1995, pp. 168 e 390.

16 AL-TADILĪ, Ibn Zayyat. *Al-Tachawwuf ila rijal al-Tasawwuf*. Tex. árabe, fixado, anotado e apresentado por Ahmed Toufiq; trad. franc.do árabe por FENOYL, Maurice, Casablanca, EDDIF / UNESCO, 1995, p. 207. As notas relativas a esta notícia, constantes na p. 399, em especial a n. 739, são um emaranhado de incorreções e de informações desconexas.

15) Abū Ja'far Aḥmad al-'Uryanī (c. 520 h. / 1125 d.C. – princípio do séc. XIII?)

Abū Ja'far Aḥmad al-'Uryanī era originário de Loulé. Na sua juventude esteve ligado ao Movimento dos Muridūn. Mais tarde radicou-se em Sevilha, então a capital almóada na Península Ibérica. Aí se estabeleceu definitivamente até à sua morte. A sua coroa de glória foi a ter sido o primeiro mestre sufi do grande Ibn al-'Arabī, o maior místico do Islão.

Ibn al-'Arabī, nas suas obras *Rūh al-Quds*, *Durrāt al-Fakhīra* e *Futuḥāt al-Makkiyya*, relatou daquele homem episódios e ensinamentos que atestam os conhecimentos e a grandeza espiritual de al-Uryanī [18].

16) Abū 'Imrān Mūsā b. Imrān Al-Mārtulī (519 h. / 1125 d.C. – 604 h. / 1207 d.C.)

Abū 'Imrān Mūsā b. Imrān Al-Mārtulī era natural de Mértola, como nos diz o seu nome. Ainda jovem, Abū 'Imrān Al-Mārtulī participou no Movimento chefiado por Ibn Qasī. É possível que tenha acompanhado a estadia do *Mahdī* em Mértola. Após a derrota de Ibn Qasī por Ibn Wazīr, e com a simultânea conquista de Mértola por este último, não se sabe quais os passos de Abū 'Imrān Al-Mārtulī: se seguiu Ibn Qasī; se a Ibn Wazīr; ou se terá abandonado o movimento muridun e seguido por qualquer outra via, dentro do sufismo.

Sabe-se que também ele, mais tarde, se radicou em Sevilha, onde manteve contactos com al-'Uryanî. Também ele foi um dos mestres de Ibn al-'Arabī, o qual também o refere nas mesmas obras onde também fala do mestre louletano.

Homem de características ascéticas muito acentuadas, era extremamente rigoroso consigo mesmo (*muḥāsibī*), e muito mais afastado do convívio social do que al-'Uryanî. O seu carácter levou-o, nos últimos 20 - 25 anos de vida, a afastar-se quase completamente dos contactos sociais por entender que havia muita corrupção na Sevilha de então.

A sua fama de "homem de Deus" motivava o procurar ser visitado por muitos protagonistas do poder, mas a quem nem sempre recebia. O mais simbólico do seu carisma foi o facto de ter sido mesmo visitado pelo Califa almóada Ya'qūb b. Yūsuf b. Abd al-Mu'min em

---

17 AL-TADILĪ, Ibn Zayyat. *Al-Tachawwuf ila rijal al-Tasawwuf*. Tex. árabe, fixado, anotado e apresentado por Ahmed Toufiq; trad. franc.do árabe por FENOYL, Maurice, Casablanca, EDDIF / UNESCO, 1995, pp. 256 e 410.

18 IBN AL-'ARABĪ. *Les Soufis d'Andalousie* (*Ruh al-Quds* et *Durrat al-Fakhira*). trad. Ingl. AUSTIN, R.W., versão franc. LECONTE, Gerard. Paris, Sindbad, 1979, pp. 61-68; DOMINGUES, J.D. Garcia. "O Pensamento Filosófico-Teológico do Sufismo Muridínico" In Revista *Filosofia*. Lisboa, 1954, nº 2, pp. 20-29; DOMINGUES, J.D. Garcia. *O Místico Louletano Al-Oriani*. Lisboa, s.ed.,1954.

1195, quando este monarca estava preparando a campanha militar que culminou na vitória da batalha de Alarcos.

Depois de o visitar, o Califa fez-lhe chegar uma dádiva em dinheiro. Abu 'Imrān recusou, e disse ao enviado: "*Tem ele mais necessidade do meu dinheiro, do que eu do dele*". E entregou algum dinheiro limpo (*halal*) ao enviado, dizendo-lhe que se o Califa durante a campanha militar se alimentasse só com produtos comprados com aquele dinheiro, Deus lhe daria a vitória. Ya'qūb assim fez, e de facto saiu vencedor naquela campanha, a qual lhe valeu o título de *al-Mansur*, o Vitorioso.

Abū 'Imrān Mūsā b. Imrān Al-Mārtulī faleceu em Sevilha, em 604 h. / 1207 d.C., já bastante longevo para a época, com a idade de 82 anos[19].

17 – 18) Abū 'Abd Allah b. Zayn Al-Yāburī (séc. VI / XII – VII / XIII ?)

Abū 'Abd Allah b. Zayn Al-Yāburī e um seu irmão eram originários de Évora. Também eles acabaram por deixar a sua cidade natal e por se fixarem em Sevilha. Não se sabe quando terão emigrado, mas poderia ter sido após a conquista cristã da cidade, em 560 h. / 1165 d.C., ou talvez mesmo algo mais tarde. Sobre a sobrevivência da cultura árabe e islâmica na mouraria da Évora cristã, veremos adiante um exemplo muito significativo.

Homens de muito bom carácter, também eles foram das relações de Ibn al-'Arabī, que tanto quanto se sabe, foi o único que nos deixou relato da sua existência. Terão terminado os seus dias em Sevilha, em data desconhecida, provavelmente também nos inícios do século XIII[20].

19) Ibn al-'As Abū 'Abd Allah al-Bājī (sécs. VI / XII – VII / XIII)

Ibn al-'As Abū 'Abd Allah al-Bājī seria natural de Beja, atendendo à *nisba* associada ao seu nome. Era um jurista e um asceta. Facto que surpreendeu o seu cronista, Ibn al-'Arabī, que

19 AL-HIMYĀRĪ. *Al-Rawḍ al-Mi'ṭār*. Ed. Ihsān 'Abbās, 2.ª ed., Beirute, Nasser Foundation for Culture, 1980, p. 521; trad. parc.franc. por LÉVI-PROVENÇAL, E. *La Péninsule Ibérique au Moyen Âge d'après le "Kitâb rawd al-mi'târ fi habar al-aktâr" d'Ibn 'Abd al-Mun'im al-Himyarî*, Leiden, E.J. Brill, 1938, p. 210; IBN AL-'ARABĪ. *Les Soufis d'Andalousie* (*Ruh al-Quds* et *Durrat al-Fakhira*). trad. ingl. AUSTIN, R.W., versão franc. LECONTE, Gerard. Paris, Sindbad, 1979, pp. 91-96; COELHO, António Borges. *Portugal na Espanha Árabe*. 2ª ed., 2 vols., Ed. Caminho, Lisboa, vol.1, p.239; ALVES, Adalberto. *O meu coração é árabe.* (2ª ed.), Lisboa, Assírio e Alvim, 1991, pp. 143-144.

20 IBN AL-'ARABĪ. *Les Soufis d'Andalousie* (*Ruh al-Quds* et *Durrat al-Fakhira*). trad. ingl. AUSTIN, R.W., versão franc. LECONTE, Gerard. Paris, Sindbad, 1979, pp.152-153.

afirma "*ser extraordinário, pois não se encontra nunca um jurista asceta*". Ibn al-'As terá sido uma exceção à regra [21].

20) Abū l-'Abbās Aḥmad b. Ḥammām, também conhecido como Al-Šaqqâq (sécs. VI / XII – VII / XIII)

Também contemporâneo de Ibn al-'Arabī, foi este também o seu cronista.

Abū l-'Abbās Aḥmad b. Ḥammām, também conhecido como Al-Šaqqâq era natural de Sevilha, e dedicara-se desde muito jovem ao caminho espiritual e místico. Tal opção, perante o desacordo do seu pai, valeu-lhe ser posto fora de casa. Permaneceu ainda algum tempo em Sevilha, andando em casa de amigos.

Não querendo, no entanto, ser um peso para os seus amigos, ofereceu-se como voluntário para a guerra na fronteira, tendo escolhido a *azóia* ou *ribat* de Juromenha (*Julumānya*), como local de destino. Pretendia lutar até conseguir a morte como mártir (*šaḥīd*).

É possível que Abū l-'Abbās Aḥmad Al-Šaqqâq se tenha motivado à ação guerreira, pelas sucessivas campanhas vitoriosas que o califa almóada Ya'qūb al-Mansūr comandou em al-Andalus, entre 1191 e 1195.

Lá estaria ainda em 1193, quando Ibn al-'Arabī deixou al-Andalus, viajando para o Norte de África. Al-Šaqqâq poderá ter integrado o exército almóada que em 1195 venceu a batalha de Alarcos, e nela tenha conseguido ou a vitória ou o martírio, seu último desiderato[22].

21) Abū Zakariyà Yahyà ibn Sa'īd ibn Mas'ūd al-Ansārī (c. 597 h. / 1200 d.C. - séc. VII / XIII)

Poeta, literato, escrivão e asceta, seria natural de Terena, ou nela teria residido o suficiente para o seu nome a ela vir associado.

Poeta inflamado que apelava nos seus versos ao desapego das coisas do mundo. Tendo em conta a proximidade geográfica entre Terena e Juromenha, é de pôr a possibilidade que também ele possa ter estado na azóia de Juromenha, até pouco tempo antes da sua conquista, em 1230, pelos homens de armas de Sancho II de Portugal.

---

21 IBN AL-'ARABĪ. *Les Soufis d'Andalousie* (*Ruh al-Quds* et *Durrat al-Fakhira*). trad. ingl. AUSTIN, R.W., versão franc. LECONTE, Gerard. Paris, Sindbad, 1979, p. 152.

22 IBN AL-'ARABĪ. *Les Soufis d'Andalousie* (*Ruh al-Quds* et *Durrat al-Fakhira*). trad. ingl. AUSTIN, R.W., versão franc. LECONTE, Gerard. Paris, Sindbad, 1979, pp. 140-141.

Terá abandonado a região entre 1227 e 1231, pois tendo-se fixado no Norte de África, ficou famoso por um poema que dedicou ao governador de Ifriqiya, Abū l-'Ulà al-Ma'mūn b. Yusuf b. 'Abd al-Mu'min (neto do primeiro califa almóada), e que exerceu funções entre aquelas duas datas[23].

22) Abū 'Abd Allah Muḥammad al-Yāburī
(c. 561 h. / 1260 d.C. – c. 629 h. / 1330 d.C.)

Abū 'Abd Allah Muḥammad al-Yāburī nasceu em Évora cerca de um século depois da conquista da cidade por Giraldo Sem Pavor, em 1165.

O facto de ter feito os seus primeiros estudos com os mestres da sua cidade, da sua mouraria, revela a força que a cultura árabe e islâmica ainda mantinha entre os muçulmanos mudéjares eborenses.

Quando D. Afonso III, em 1272, deu o Foral aos Mouros Forros de Évora à respetiva comuna, pela mesma altura ter-se-á dado a passagem daquela comunidade da Mouraria Velha, a sul das muralhas, para a Mouraria Nova, a norte, zona menos acolhedora para residência.

Estamos em crer que o jovem não terá ficado muito mais tempo em Évora, e que no final da década terá ido para o outro lado do Estreito para continuar os seus estudos. Passagem aquela que, se alguma vez foi ponderado o regresso, acabou, no entanto, por se tornar definitiva.

Estabeleceu-se em Chellah, onde acabou por fundar a sua própria azóia (*zawiya*), já bem entrado o século VIII h. / XIV d.C. Teve vários discípulos, mas o mais famoso foi Abu l-'Abbas Ahmad b. 'Ashir al-Andalusi, natural de Jimena de la Frontera.

Abū 'Abd Allah Muḥammad al-Yāburī deixou um tratado de direito islâmico onde analisou todas as questões em que concordavam todas as Escolas jurídicas do Islão sunnita.

23 "Fortaleza de Terena ou de Telena (*Hisn Talanna*) Das fortalezas de Badajoz, a qual é agora dos cristãos." (Ibn Sa'id, *Al-Mugrib fi hulha al-Magrib*, ed. Sawqy Dayf, 1ª ed., 2 vols., Dar al-Ma'arif bi Misr, Cairo,1953-1955, vol. I, p. 373). No título está "*Qalanna*". Sobre a identificação linguística deste termo, que será um equívoco de copista ou de leitura (um "ta" lido como "qaf" ?) do termo *Talanna* > Terena, ver LOPES, David, *Nomes Árabes de Terras Portuguesas*, p.123. Maria Jesús Viguera identifica *Qalanna* com 'Cabañas del Castillo', pequeno povoado da zona de Badajoz (v. VIGUERA, Maria Jesús. "Badajoz en el Mugrib", *Bataliús II.* Madrid, Letrúmero, 1999, pp. 225-248, p.231). Há um lugar chamado Telena na província de Badajoz, a que, curiosamente, nenhum autor espanhol deu atenção. Também encontrámos em textos portugueses do século XVII a vila de Terena designada como "Telena" (v. REI, António. "Terena, 1230-1482. Questões topográficas e toponímicas" In *Callipole - Rev. Municipal de Cultura n.os 7-8* (2000), CM Vila Viçosa, pp. 13-21, p. 14 e nota 1). É, portanto, questão ainda em aberto.

Tendo sido sepultado num morabito que fica situado na praia de Rabat, ainda local de romagem das gentes, é considerado o "santo patrono do mar" por todos os que têm profissões ligadas ao mar e às embarcações [24].

III. Misticismo islâmico no Ġarb al-Andalus - modelos sociológicos

1º grupo, ou modelo

- Abū Isḥāq Ibrāhīm b. Harūn b. Khalaf b. 'Abd al-Karīm b. Sa'īd al-Masmūdī, conhecido como Al-Zāhid al-Ušbūnī (287 h. / 899 d.C. – 361 h. / 970 d.C.)
- Abu Muhammad 'Abd Allah b. Sa'īd b. Lubbaj al-Ummawi Al- Šantajyali (c. 371 h. / 980 d.C. – 436 h / 1044 d.C.)
- Ibrahim ibn 'Abd al-Malik (993 h. / 1002 d.C - 461 h. / 1068 d.C.)
- Al-Šarīf Abū l-Hassan 'Alī b. Isma'īl al-Qurašī, conhecido como Taytal Al-Šaqabānī (séc. XI - XII?)
- Abu l-Qasim Ahmad b. Muhammad b. al-Milh (meados do séc. XI – 501 h. / 1107 d.C.)

Nestes cinco místicos podem reconhecer-se características muito próximas das que encontramos em Ibn Masarra: uma primeira fase, em que o estudo é feito em meio urbano; e uma segunda fase, em que se dá o retiro do místico para local isolado, onde em contacto com a natureza, buscariam aprofundar os ensinamentos apreendidos.

No último caso, o de Ibn al-Milh, o retiro não terá sido em direção a um local geograficamente isolado (embora tenha preferido Silves a Sevilha), mas antes em direção a uma situação social apagada, discreta e mais marginal, e também espiritualmente menos comprometida.

O afastamento espacial e social, não adviria apenas de uma opção dos ascetas, mas também aconteceria por razões e pressões sociais, pois o *tasawwuf* era mal visto pelos *fuqahâ* (juristas) e *'ulamâ* (eruditos) da escola jurídica maliki, escola esta que tradicionalmente, desde os finais do século VIII dava cobertura legal ao regime, e que era, para além disso,

[24] TAZĪ, 'Abd al-Hadī. "Abu 'Abd Allah al-Yaburi: un Cheikh Marocain du 7e / XIIIe siècle" In *Actas do XI Congresso UEAI – Islão e Arabismo na Península Ibérica*. Universidade de Évora, 1986, pp. 11-22 + 4 imgens; resumo em francês em *Islão e Arabismo em Terra Lusitana*, Estudos Árabes nº 4, Univ. Évora, 1986, pp. 143-144. Ainda referências a este místico mudéjar eborense em BEEBE, Bahrami, "The Persistence of the Andalusian Identity in Rabat, Morocco" (1995) In *Publicly Accessible Penn Dissertations*. (Ph.D.), 1176 (http://repository.upenn.edu/edissertations/1176); HANIF, N. *Biographical Encyclopaedia of Sufis. Africa and Europe*, New Delhi, Sarup & Sons, 2002.

maioritária no Islão Ocidental: al-Andalus e Magrebe[25]. Este modelo a que chamamos "masarrî" parece ter sido o dominante durante o período califal e ter-se prolongado, ainda de forma maioritária, pelo período das Taifas, entre o início do século IV / 1º terço do século X, e o final do século VI / fins do séc. X I -princípio do séc. XII.

2º grupo, ou modelo

-Bakkar ibn Dawud al-Marwânî (440 h. / 1048 d.C. – c. 506 h. / 1112 d.C.)
-Abû-l Qâsim Ahmad ibn al-Husayn Ibn Qâsî (c. 495 h. / 1100 d.C. – 546 h. / 1151 d.C.)
-Abu Bakr Muhammad b. Yahya al-Saltisi, conhecido por Ibn al-Qabila (século VI / XII)
-Abu l-Walid Muhammad b. 'Umar b. al-Mundhir (c. 490 h. / 1096 - 548 h. / 1153 d.C.)
-Abu Muhammad Sydray b. 'Abd al-Wahhab b. Wazir al-Qaysi (séc.XII)

Este modelo a que designaremos como de "místicos revolucionários", incorpora não apenas o aspeto espiritual, mas também uma empenhada e objetiva ação social, política e mesmo revolucionária. Características que já se reconhecem, algo embrionariamente em al-Marwānī, e já plenamente assumido em Ibn Qasī, e nos que de perto o acompanharam na ação que fez com que a Confraria dos Muridūn tivesse deixado de ser apenas uma irmandade de místicos, para ser um grupo armado de ação militar, política e social. Afrontaram o poder instituído, naquele caso o poder almorávida, por o identificar como corrupto (em que os seus juristas legitimavam a metro), hipócrita (proibiam para o geral, e eles praticavam o que tinham proibido), e portanto injusto, não podendo fazer cumprir a justiça e recolhendo impostos não-canónicos. Para além da perseguição direta, dos juristas e do poder político-militar, aos místicos e seus principais mentores, como acontecera com Ibn Barrajān e com Ibn al-'Arīf.

Este modelo constata-se desde o final do século V / XI, podendo ter tido o seu início após a queda de Toledo, facto traumático para o Islão andalusi. Poderemos marcar o seu início por volta de 485 h. / 1091 d.C., quando os almorávidas se assenhoreiam do espaço de al-Andalus; e o seu final em 547 h. / 1151 d.C., como início da hegemonia almóada.

[25] Sobre a implantação e preponderância da Escola (madhhab) Maliki no Ocidente Islâmico, e mais especialmente em al-Andalus, v. FIERRO, Maribel. *La Heterodoxia en al-Andalus durante el período omeya*. Madrid, Instituto Hispano-Arabe de Cultura, 1987, *passim*.

3º grupo, ou modelo

-Abu Muhammad ‘Abd al-Haqq b. ‘Abd al-Rahman b. ‘Abd Allah al-Azdi al-Isbili, conhecido como Ibn al-Kharrat (510 h. / 1116 d.C. – 581 h. / 1187 d.C.)
-Abu-l Hassan ‘Ali b. Khalaf b. Galib al-Quraychi (c. 486 / 1092 d.C. – 568 h. / 1172 d.C.)
-Abu ‘Abd Allah Muhammad b. Salim al-Šilbi (séc. VI / XII)
-Abu l-Hassan Naja b. ‘Abd Allah al-Ummawi (c. ? - 599 h. / 1202 d.C.)

Este grupo é composto por homens que na sua juventude estiveram comprometidos com o Movimento dos Muridūn, e que perante as divisões dentro do movimento, as inimizades que se criaram entre quem tinha sido próximo, e o fim da obediência ao mahdi, com o surgir de ambições pessoais, lutas e ódios, acabaram por deixar a Península e se fixarem no Norte de África.

Não tendo tido ações de primeiro plano no Movimento dos Muridūn acabaram por viver, *a posteriori*, de forma algo problemática, a ressaca de tudo aquilo em que tinham acreditado e pelo qual se tinham empenhado. Fixaram-se em meio urbano, e não em zonas isoladas. Aparentemente não terão tido ou mantido ligações entre si. Ligaram-se, ou não, a diferentes poderes instituídos. Na sua fixação no Norte de África, reconhece-se uma certa preferência por Salé e sua região.

4º grupo, ou modelo

-Abū Ja’far Aḥmad al-‘Uryanī (c. 520 h. / 1125 d.C. – princípio do séc. XIII?)
-Abū ‘Imrān Mūsà b. Imrān Al-Mārtulī (1125-1207)
-Abū ‘Abd Allah b. Zayn Al-Yāburī e seu irmão (séc. VI / XII – VII / XIII ?)
-Ibn al-‘As Abū ‘Abd Allah al-Bājī (sécs. VI / XII – VII / XIII)

Este outro modelo sociológico de místico caracterizou-se por um retorno do místico ao grande meio urbano e social (Sevilha a capital almóada de al-Andalus), onde vive, aprende e ensina. Já não se isolavam no campo ou na montanha, nem atuavam politicamente contra a situação vigente. Trata-se de uma posição que poderemos chamar de “conciliadora” que facilitasse aos poderes instituídos a defesa do espaço islâmico em debilidade e constante recuo, sem grandes possibilidades de contra - ofensiva.

Ou porque, pela positiva, reconheciam no poder almóada uma dinâmica "reconquistadora" que pudesse obstar ao recuo das fronteiras de al-Andalus; ou, pela negativa, porque se apercebiam que a situação do Islão na Península se vinha claramente debilitando, e como tal urgia não adotar posições que viessem enfraquecê-la ainda mais, com novas fraturas sociais e espirituais.

Neste caso o místico é reconhecido e até protegido pelo poder vigente, que nele busca proteção e *baraka* (bênção) em momentos-chave de ação militar.

Este modelo constata-se durante o auge do poder almóada, período que poderemos limitar a montante com o início da hegemonia na Península, na década de 50 do século VI h. / XII d.C., e que irá até à Batalha de Navas de Tolosa / al-'Uqab, em 609 h. / 1212 d.C.

5º grupo, ou modelo

- Abū l-'Abbās Aḥmad b. Ḥammām, também conhecido como Al-Šaqqāq (sécs. VI / XII – VII / XIII)
- Abū Zakariyà Yahyà ibn Sa'īd ibn Mas'ūd al-Ansārī (c. 597 h. / 1200 d.C. - séc. VII / XIII)

Estes perfilam um outro modelo, que poderíamos definir como de "místicos-guerreiros", empenhados pessoal e diretamente na defesa do espaço islâmico, e das suas fronteiras.

Lutam nas fortalezas, muitas vezes já transformadas em arrábidas e/ou azóias, contra os cada vez mais numerosos e poderosos ataques que vinham do norte cristão. A fraqueza estrutural do poder militar e de decisão política na província ibérica dos impérios africanos cada vez mais exposta aos ataques do norte, e cada vez menos defendida pelas forças do poder institucional, levaram obrigatoriamente, à necessidade de que fossem os próprios andalusis a fazê-lo.

Haverá uma certa sobreposição cronológica entre este modelo e o anterior. A este último poder-se-á atribuir uma permanência entre 582 h. / 1184 d.C. quando terá sido restaurada e reocupada a fortaleza / arrábida de Juromenha; e 647 h. / 1252 d.C., quando foi a conquista de Aljezur, o último reduto de resistência islâmica no Ġarb al-Andalus.

6º modelo

-Abū ʻAbd Allah Muḥammad al-Yāburī (c. 561 h. / 1260 d.C. – c. 629 h. / 1330 d.C.)

Este caso, mais que um modelo será mais um epílogo. Apesar de representar uma marca de sobrevivência da cultura árabo-islâmica numa mouraria do reino de Portugal, dá-nos a medida da impossibilidade da vivência mística dos valores islâmicos em espaço maioritariamente cristão.

Impôs-se assim a necessidade da emigração para o Magrebe poder dar continuidade à vivência mística; e dá-nos a constatação de um certo regresso ao primevo modelo masarri, em que é abandonado o meio urbano, e em que locais mais afastados e periféricos são os escolhidos para residência e local de ensino, e posteriormente de enterramento.

Conclusões

Este pequeno universo de vinte e dois místicos ligados ao Ġarb al-Andalus, por origem ou por estadia, mais ou menos prolongada, permite, para além dos modelos sociológicos propostos, uma outra repartição, para a qual consideramos a figura de Ibn Qasī como fundamental e axiomática.

Pode identificar-se um grupo Antes, os primeiros seis místicos, que partem do isolamento místico em direção à ação social de exemplo, ensino e pregação. Caminham de um misticismo individual e individualizado para o grupo de discípulos ou círculos de místicos (a confraria). isolam-se no al-Andalus, ou no Ġarb al-Andalus, são testemunhas do início da decadência de al-Andalus enquanto sociedade islâmica e hegemónica na Península.

O grupo Central de que Ibn Qasī é a cabeça e o mentor, e todos os que participaram no movimento dos Muridūn, mais ou menos ativamente e por ele foram marcados. E que foram onze, metade de todo o universo que foi possível identificar. Retirar-se, deambular, peregrinar, frequentar círculos místicos, pregar, tudo se constata neste grupo central, antes da congregação que vai preparar a ação revolucionária armada. Quiseram obstar à decadência, mas reconhecendo que a política almorávida era islamicamente muito estreita, e foi contra ela que se deu a primeira ação de regeneração da sociedade andalusi. Daí a necessidade de um Mahdī, que só Ibn Qasī intuiu. Neste grupo, a proximidade ou afastamento, leia-se mesmo amizade ou inimizade, fidelidade ou infidelidade em relação a Ibn Qasī acabou por vir a marcar, mais ou menos fortemente, a vida de todos os elementos que compõem o grupo.

E por fim, o Depois, aqueles, outros seis, que já não terão tido ligações nem com Ibn Qasī nem com os Muridun, e que dão corpo a uma outra realidade. Regressaram a uma vida apagada e dissimulada, em meio urbano; ou vão para a ação militar na defesa das fronteiras, e eventualmente em busca do martírio. Ou vão-se radicar, isolar, na Outra Margem do Estreito.

O último, al-Yāburī, que escapa ao grosso do que foi dito, nasce numa mouraria e emigra porque a vivência mística seria reprimida, agora pelas autoridades cristãs, e facilmente seria considerada subversiva. E é possível que Évora tivesse tido efetivamente uma realidade mudéjar algo subversiva, pelo menos até cerca de 1340, quando da Batalha do Salado.

Muito curiosamente, este alentejano, al-Yāburī, "Santo Patrono do Mar" nasceu na mesma cidade onde outro alentejano, Vasco da Gama, recebeu do Rei Manuel ordem para ligar o Mundo pelo Mar, para fazer do Mar a "Rua do Mundo".